

AMARANTE

(Real)

Real foi uma freguesia do concelho de Amarante, distrito do Porto. Após a reforma administrativa de 2013, Real foi agregada a outras localidades, passando a designar-se União das freguesias de Real, Ataíde e Oliveira. A igreja do Salvador de Real dista cerca de 12,5 km da sede de concelho. Sair de Amarante pela estrada N412, continuar pela estrada N312 e mais à frente virar à direita para a estrada M567. Percorrer cerca de 7 km e continuar pela rua Nossa Senhora de Fátima. Virar à esquerda para a rua do Churrascal, seguindo as indicações da igreja.

A freguesia está situada nas proximidades da ribeira de Odres, afluente do rio Tâmega e a igreja de São Salvador localiza-se no extremo sudoeste do concelho de Amarante, numa pequena encosta em local isolado.

Nas Inquirições de 1258, a freguesia é designada por São Salvador de *Rial* que, sendo o orago, era também o nome do lugar devido a uma ermida de fundação remota que veio a servir de paróquia *ecclesie Sancti Salvatoris eiusdem loci* [Sancti Salvatori]. O termo *rial* significa um conjunto de várias nascentes, o que é concorde com a topografia do local.

Igreja de São Salvador

O MOSTEIRO DE REAL (*RIALI*) é mencionado num diploma pontifício do papa Calisto II, de 1120, relativo aos mosteiros incluídos dentro dos limites da diocese do Porto e copiado no Censual do Cabido do Porto, o que comprova a existência de um templo na primeira metade do século XII.

Nas Inquirições de 1220, São Salvador de *Rial* pertencia ao julgado de Santa Cruz de Sousa. É afirmado que

o rei não detinha qualquer reguengo na freguesia, e que não era o patrono da igreja. Havia 11 casais da igreja, que detinha também algumas searas; 7 do mosteiro de Mancelos; 3 do mosteiro de Bustelo; 1 do de Travanca e 2 da igreja de Vila Cova. Em 1258, havia na freguesia 27 casais e 2 quintãs, uma das quais era honra de João Martins de Ataíde e a igreja detinha 10 casais. A igreja de *Rial* era de padroado particular, de uns herdutores denominados Ma-

Perspetiva aérea a partir do lado sudeste



Perspetiva aérea a partir do lado ocidental





Alçado sul

medes e dos netos de D. Ximena Eneguíz, os quais haviam apresentado pouco antes o abade Martim Mouro. A igreja pagava anualmente ao rei um morabitino e os abades eram obrigados a ir na hoste do rei, como capelães.

Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, a igreja de *São Salvador de Rial* foi taxada em 50 libras, valor relativamente baixo no contexto das igrejas e mosteiros da Terra de Sousa, comparativamente com a igreja de Telões que foi taxada em 1 500 libras e o mosteiro de Travanca em 1 800 libras.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, a paróquia de *Rial* pertencia ao concelho de Santa Cruz de Riba Tâmega. A igreja tinha apenas uma nave e três altares. O vigário Francisco Pinto acrescenta que na freguesia havia uma ponte de pedra, de três arcos, perto de Vila Meã, e três de madeira.

De reduzidas dimensões, a igreja do Salvador de Real viu-se votada ao abandono após a edificação da nova igreja paroquial em 1938. Da época românica conserva poucos trechos, particularmente ao nível da fachada principal e do alçado lateral sul, não obstante a grande transformação a que foi sujeita entre 1750 e 1760. Orientada, compõe-se de nave única e capela-mor retangular, configurada quase à mesma altura da primeira. Perpendicular à cabeceira, com planta retangular, a sacristia. Todos estes elementos

têm telhado de duas águas e são monumentalizados por fogaréis característicos da época moderna. Edificada em granito, a igreja mostra dois tipos de aparelho, que as juntas caiadas de branco realçam. Na fachada principal, sensivelmente até à altura do portal principal, o aparelho compõe-se de silhares retangulares e bem esquadriados que, apesar das suas várias dimensões, formam fiadas sensivelmente da mesma altura. No terço superior desta fachada, onde se rasga um óculo vazado, vemos uma tipologia distinta de aparelho, de enchimento, caracteristicamente irregular, composto por pequenas e variadas formas e unido através de argamassa. Nas fachadas laterais, norte e sul, identificamos um prolongamento do aparelho pseudo-isódomo, seguramente conservado durante as intervenções de setecentos não só pela sua qualidade, mas acima de tudo por uma questão estrutural, a necessidade de contrafortar os cunhais sudeste e sudoeste da nave da igreja. De notar, ainda a possibilidade de reaproveitamento de silhares da época românica aquando da transformação então ocorrida. Convém, contudo, relevar a diferença de dimensão deste aparelho e daquele utilizado na base do campanário. O campanário surge adossado perpendicularmente ao cunhal sudeste da capela-mor. Compõe-se por um maciço pétreo retangular de sabor românico, encimado por dupla sineira terminada em empena e rematada por simples cruz.



Alçados sul e oeste

Os alçados laterais da nave, norte e sul, foram profundamente transformados durante a época moderna. A ampla fenestração e o arranjo dos portais assim o confirmam na sua linguagem classicizante.

De nota, o arcosólio com sarcófago rasgado na parede exterior sul, ainda ao nível da nave, no terço próximo do arco triunfal. Na sua tampa foi gravada uma espada denunciando o estatuto social de quem nele se fez enterrar. O arranjo setecentista da igreja poupou-o seguramente na sua posição original, talvez porque testemunho de antiguidade do lugar e também como sinal de respeito para quem nele se fez sepultar. Sobre o portal lateral sul, a cicatriz de um arco de volta perfeita. Sobre o portal persiste uma estreita fresta, abocinada para o exterior.

Na fachada oposta, a norte, persistem no paramento as aduelas de um arco que, tendo em conta o seu posicionamento, deve ter correspondido a um portal, talvez desativado devido ao assoreamento do terreno contíguo e que terá contribuído para o seu desuso.

É no portal oeste que persistem os mais significativos elementos românicos desta igreja que, pelo seu gosto, nos confirmam a cronologia tardia da sua fábrica, já mais próxima do modo de construir do gótico. O portal compõe-se de duas arquivoltas quebradas e toreadas, não apresenta tímpano e inscreve-se na espessura do próprio muro, tudo contribuindo para confirmar a sua conceção tardia e a ado-



Detalhe do portal oeste

ção de soluções distintas atendendo ao panorama regional e àquilo que vinha sendo edificado. As colunas são finas e esbeltas, tendo as exteriores fuste cilíndrico e as interiores prismático. Os capitéis estão ornados com escultura pouco volumosa, presa ao fino cesto: motivos fitomórficos entrelaçados, motivos vegetalistas e uma máscara na esquina de um dos capitéis. Também a imposta denuncia uma feitura tardia para este portal: composta por elementos boleados que se sobrepõem, apresenta um esquema compositivo idêntico à sua congénere de Mancelos. É, pois, com base nos elementos remanescentes que Maria Leonor Botelho



Interior. Perspetiva da nave a partir da abside, com as cruzeiras de sagração e a pia batismal

e Nuno Resende propuseram que a conceção do portal de Real tivesse ocorrido no primeiro quartel do século XIV, talvez mesmo em substituição de um edifício anterior.

No interior da igreja são poucos os vestígios que atestam a origem românica da fábrica da igreja. A capela-mor, alta e profunda, resulta das intervenções de meados do século XVIII. O arco triunfal, quebrado, assenta sobre pés direitos. O vão é amplo permitindo uma boa legibilidade da abside a partir da nave. Destaca-se pelo granito aparente que juntas caídas acentuam. Os alçados da igreja estão rebocados e no lado do Evangelho identifica-se um nicho que coincide com a cicatriz de arco de volta perfeita visível no alçado norte. No interior, conservam-se ainda as cruzeiras de sagração e a pia batismal, de época românica. As cruzeiras são patadas e inscrevem-se em círculos. Surgem nas paredes da nave e nas da capela-mor. O reboco interno respeitou estes elementos destacando-os ao modo de janelas de restauro onde o granito contrasta com o branco do revestimento. Do lado do Evangelho, junto do portal oeste, encontra-se a pia batismal composta por taça circular de granito, bem ao gosto românico, assente sobre um pé cilíndrico suportado por um plinto cúbico. A pia está protegida por guarda em ferro de época posterior.

A igreja de São Salvador terá sido edificada no início do século XIV, integrando-se na categoria de românico tar-

dio. O românico tardio de São Salvador de Real reflete a influência do românico portuense, particularmente ao nível do arranjo dos toros diédricos do portal oeste, o que se explica por a igreja de Real pertencer então ao padroado do mosteiro de Travanca. A ampliação e remodelação que sofreu no século XVIII suprimiram os elementos românicos da igreja, conservando apenas, atualmente, o portal primitivo, um arcossólio com sua arca tumular e parte da fábrica primitiva da nave. Em 1938 deixou de ser igreja paroquial, sendo votada ao abandono. Desde 2010, a igreja de Real integra a Rota do Românico.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR

Bibliografia

BOISSELLIER, S., 2012, p. 149; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, p. 4; GEPIB, 1935-60, XXIV, p. 500; MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 174-175; PMH, INQ., pp. 60, 151, 199, 249 (de 1220) e pp. 1506-1507 (de 1258); ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, I, pp. 411-421; ROTA DO ROMÂNICO.